



Era uma linda manhã de sol naquele dia. Nino havia folheado as páginas do seu livro preferido, que agora não parecia ser nem um pouco interessante. Depois da cirurgia, ele se sentia entediado. Os jogos divertidos em sua estante de brinquedos estavam amontoados sobre a mesa da sala — ele os havia tirado do lugar, mas todos na casa pareciam ocupados demais para brincar com ele. O horário permitido para ver TV só chegaria depois do almoço, e aquela manhã estava demorando demais a passar...

Os dias da semana se repetiam sem mudanças, e Nino já estava aborrecido de ver sua irmã mais nova se arrumar para a escola, sem que pudesse ir com ela. Sentia falta dos seus amigos, de brincar no parque, de abrir sua lancheira já sabendo o lanche que o esperava, de competir com seu melhor amigo para ver quem comia mais rápido antes de começarem uma nova brincadeira. Lembrar disso era ainda pior. A hora do almoço se aproximava, e ele sabia que iria comer aquela comida mole de novo! Sua mãe dizia que já estava perto de poder comer suas comidas preferidas novamente, mas ele já havia se cansado de esperar por esse dia que não chegava nunca!

Suspirou mais uma vez, quando finalmente ouviu um barulho na porta da frente. Era sua mãe, que já estava de volta com sua irmãzinha:

— Niiiiiino! — gritou ela, já correndo ao seu encontro.

— Oi!!!, Lili! — respondeu ele, animado ao ver entrar a única pessoa da casa que ainda topava brincar com ele. — Vamos brincar do jogo do rato?

— Eu quero o *laranja* e o seu é azul, viu, Nino? — gritou Lili, como era de se esperar; ela sempre escolhia o rato laranja.

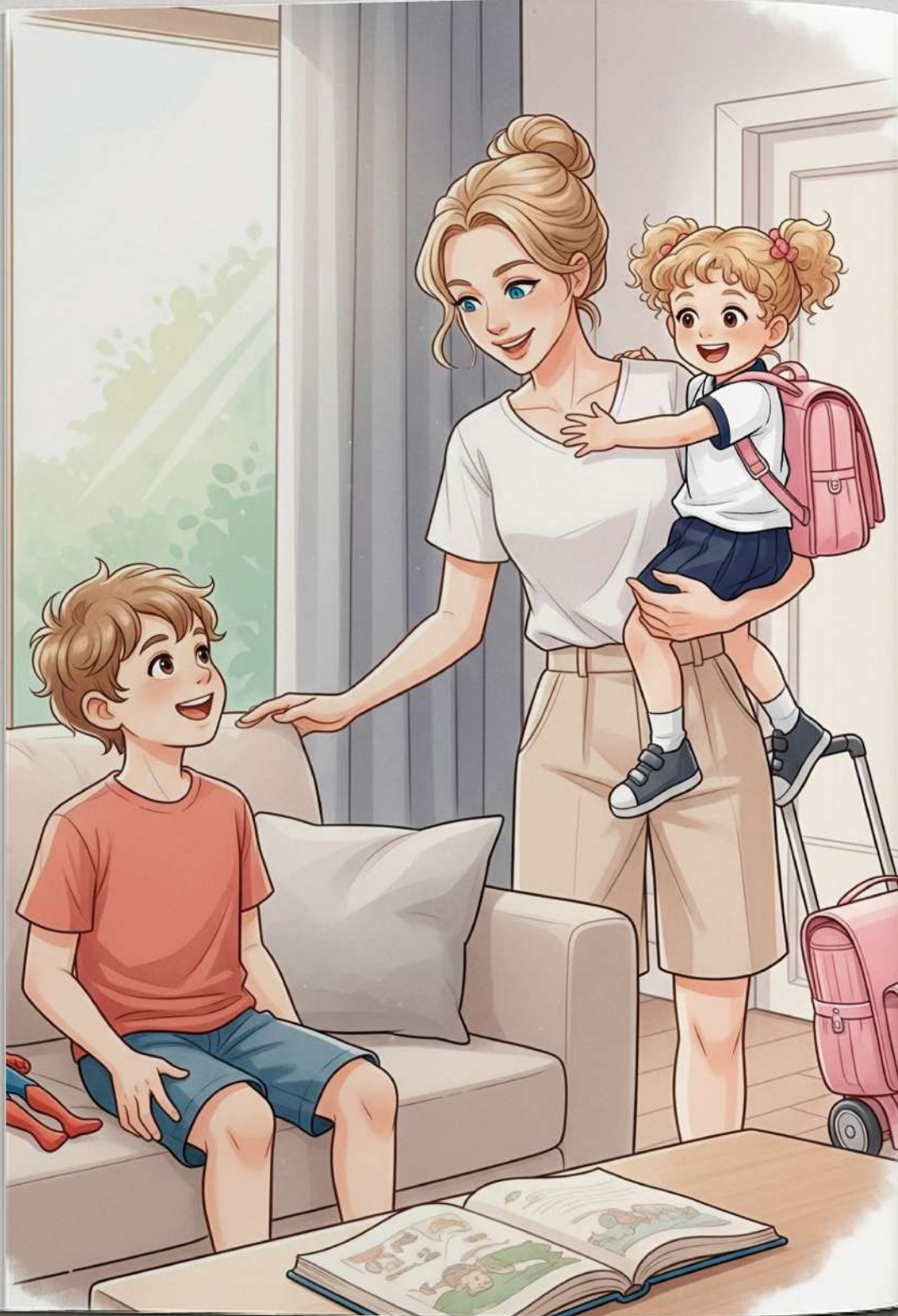
Mas antes que ela pudesse alcançar o jogo na mesa, a mamãe a parou no meio do caminho:

— Nada disso, vamos lavar as mãos para almoçar. Mais tarde vocês brincam.

— Não *quelo amoçá!* *Quelo* jogo de ratinho! Me daaaá, mamãe!!!

— Filha, vamos lavar suas mãos. Sua mãe já disse que agora não é hora de brincar — interrompeu o papai, que acabara de se juntar a eles.





Lili saiu aos prantos em seus braços, e enquanto a mamãe preparava a mesa do almoço, Nino fez sua habitual pergunta, como quem cumpria um ritual, pois não tinha esperança de que a resposta fosse diferente dos outros dias:

— Mamãe, o que vai ter pra mim no almoço? — disparou, ao arrastar a cadeira da cozinha com um suspiro pesado, como se cada passo fosse o fim de uma maratona.

A mamãe estava colocando os pratos na mesa e não podia parar, mas abriu um sorriso paciente e não se negou a responder, pois já esperava por isso:

— Fiz uma sopa de carne... bem nutritiva. Agora vou triturar pra ficar mais fácil de você engolir.

Nino franziu a testa. Saber a resposta não o ajudava a se sentir melhor; nada naquele dia parecia ser capaz de mudar seu ânimo.

— Sopa... de novo? Eu não aguento mais essas comidas moles! Eu quero mastigar! Eu quero algo crocante, algo de verdade!

A mãe pôs um prato mais fundo em seu lugar, deu uma pausa e continuou:

— Eu sei, meu amor. Está sendo difícil, eu sei. Mas seu corpo ainda está se recuperando. Cada dia assim é um passinho a mais pra você voltar a comer tudo o que gosta. Só mais um pouco de paciência...

— Mas já passaram duas semanas inteiras! Parece que vai durar pra sempre!

Ele cruzou os braços, o rosto inchado de frustração. Os olhos ardiam — de fome e de tristeza. A mamãe colocou a mão sobre a dele:

— Eu sei que o seu coração quer muito uma comida diferente. E sabe por quê? Porque nosso coração adora o que dá prazer... E nossa língua é teimosa, quer tudo agora. Mas você sabia que o coração não manda sozinho no nosso corpo?

Nino olhou pra ela, curioso, ainda emburrado.

— Não?

— Não mesmo. Deus nos deu também um cérebro. Ele fica bem aqui — disse, tocando a testa dele com carinho. — É com ele que a gente pensa, escolhe e decide o que é melhor mesmo quando é



difícil, pois lá ficam guardados os pensamentos do que aprendemos na Palavra de Deus.

Em menos de um minuto, Nino esqueceu a irritação, embalado pela doce calma de sua mãe, e aquele sentimento foi dando lugar a uma animação curiosa, como quando fazemos uma descoberta importante.

— Então... eles brigam?

— Às vezes — respondeu a mãe, rindo baixinho. — O coração grita: "Quero isso agora!", mas o cérebro lembra: "Espere. Vai valer a pena." E quando os dois trabalham juntos, guiados pela Palavra de Deus, a gente faz escolhas que ajudam a cuidar do nosso corpo e da nossa vida.

Enquanto ela falava, Nino começou a imaginar — não era muito difícil pra ele, já que estava sempre sonhando acordado. Na sua cabeça, imediatamente viu os dois personagens: de um lado, um coração vermelho com energia de sobra e super animado; do outro, um cérebro de óculos, simpático e mais centrado que o amigo. Mas, antes que pudesse começar uma verdadeira aventura em sua mente, um barulho alto ecoou da barriga dele.

— Ai... — murmurou, colocando a mão no estômago. O cheiro da sopa invadiu suas narinas — ela parecia mais gostosa do que ele lembrava. Quentinha e com um cheirinho delicioso.

A mãe colocou o prato na frente dele. A sopa, agora quase líquida, fumegava suavemente. Nino orou pelo alimento em silêncio e pegou a colher, ainda desconfiado. Levou a primeira porção à boca... e ficou surpreso, pois até que estava bem saborosa.

Após o almoço, pôde finalmente se divertir com sua irmã e aproveitou sua companhia até o último minuto. Ao anoitecer, estava tão exausto que não demorou a dormir — mal fechou os olhos e já começou a sonhar.



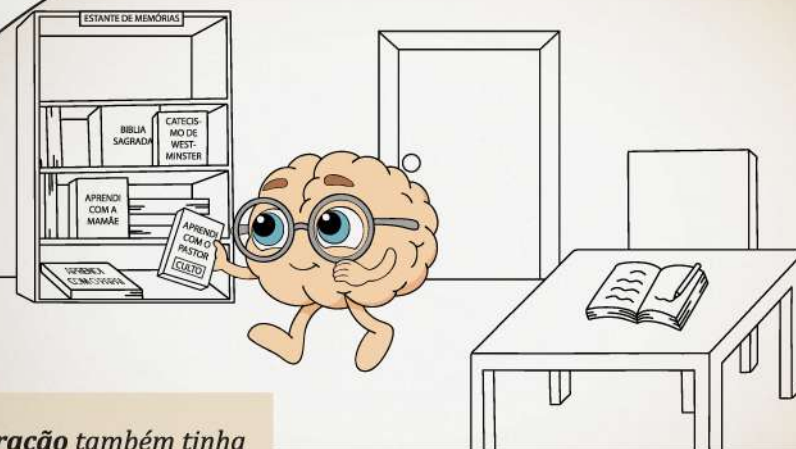


Enquanto Nino dormia, o mundo interno do seu corpo não parava. Dentro dele estava **Cérebro**, que passava a maior parte do tempo em seu **escritório**: a **cabeça**. Mas não vivia sozinho, tinha muitos amigos. Cada um em seu próprio cômodo e como moravam todos dentro da **mesma casa**, sempre se encontravam. Coração era o melhor amigo dele, mas vivia se enfiando em confusões. Isso é o que os tornava mais diferentes.



Cérebro era o mais quieto dos amigos. Gostava de ficar **pensando** sozinho. Era superdivertido para ele ficar **lendo** por muitas horas, mas não podia se divertir o tempo todo, pois tinha um trabalho importante a exercer como **primeiro comandante** do corpo: o de guardar em forma de **memórias** todos os conhecimentos bons que aprendia com seus pais e professores.

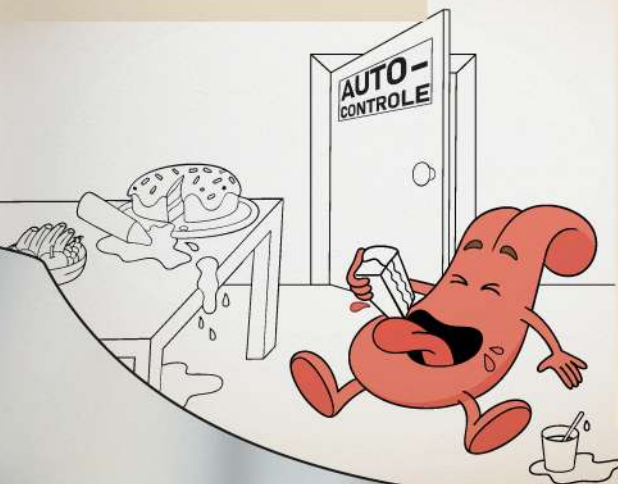
Os mais preciosos ensinamentos eram coletados no culto. Cérebro achava que o Dia do Senhor, também chamado de domingo, era o melhor dia da semana, pois sua **família** era **cristã** e ele aprendia diariamente sobre Deus. Mas naquele dia especial, aprendia ainda mais com o pastor e os presbíteros da sua igreja.



**Coração** também tinha uma missão muito importante. Sendo o **segundo comandante** do corpo, era responsável por sentir e manifestar as **emoções** de Nino, para que ele e todos os outros integrantes do corpo vivessem e trabalhassem com equilíbrio. Ele também aprendia a amar a Deus, mas ainda **preferia** amar outras coisas na maior parte do seu tempo.



A amiga mais querida de Coração, **Língua**, ficava quase sempre sozinha na boca. Ele amava o jeito dela, pois sempre que podia, ela fazia o corpo todo ficar **feliz**. Mas, ao mesmo tempo, era muito **teimosa** e costumava **fugir** do seu controle.



Quer saber  
como termina  
essa história?

Clique AQUI →

**Comprar Agora**

e adquira já seu exemplar!



“Aprender também pode ser  
divertido, ensinar não precisa  
ser cansativo.”